

A Coluna do Kina

Preparos Dentários com Finalidade Protética

Preparations dental prosthetics purpose

No ano de 2007, durante o primeiro congresso da Revista Clínica, tive o prazer de lançar meu primeiro livro (Invisível – Restaurações estéticas cerâmicas). Nele, ao final do capítulo de preparos dentários, descrevi algumas dicas que eu acreditava – acredito – facilitar a execução dos preparos dentários, deixando-os muito mais previsíveis. Em verdade, realizá-los é bem mais fácil do que a maioria das pessoas pensa. O segredo de um bom preparo não é primordialmente habilidade, mas conhecimento, dedicação, persistência e manter-se atento a algumas regras simples, associados à evolução dos materiais restauradores. Cada clínico tem seus padrões e truques de trabalho. Após um pouco mais de três anos, revisei alguns dos meus, e espero que sejam úteis para você também.

1. Primeiramente, lembre-se, um desenho padrão de preparo dentário não existe mais (se é que já existiu). Princípios de retenção e estabilidade coexistem ou são substituídos totalmente pelos princípios de adesão (veja, por exemplo, os laminados cerâmicos). Os espaços para solidez estrutural do material restaurador são cada vez mais econômicos, contemplam a ideia de unidade estrutural (“a união faz a força”). Em outras palavras, os preparos dentários com finalidade protética estão cada vez mais conservadores, e a ideia central que outrora valorizava primordialmente a sobrevivência da restauração passa a valorar cada vez mais a sobrevivência da estrutura dentária de suporte para restauração.

2. Eu somente inicio um preparo dentário quando tenho uma nítida imagem do final da restauração que está sendo executada. Isso se dá quase sempre por meio de enceramento diagnóstico sobre um modelo inicial dos dentes antes do preparo. Essa “antevisão” do final do caso permite que eu situe espacialmente o preparo dentário, de acordo com o resultado pretendido, determinando os espaços necessários para conferir solidez estrutural à restauração com o mínimo desgaste da estrutura dentária (o uso de guias de silicone feitas a partir desses modelos diagnósticos encerados é extremamente prático e seguro). Confesso que, algumas vezes, faço isso por intuição (imagino mentalmente o final do caso), o que, independentemente de minha experiência clínica, não é confiável.

3. Trabalho cada preparo dentário em média duas vezes. “Leio” duas vezes o preparo seria a frase mais correta. Geralmente, a segunda “leitura” do preparo se dá logo após um rápido intervalo, depois de feito o esboço inicial, e serve para arredondar algum ângulo, definir melhor a terminação cervical, enfim, para refiná-lo, e é sempre uma surpresa a quantidade de pequenos detalhes que devem ser corrigidos ou melhorados. Essa tática, em especial, é importante quando realizo preparos múltiplos com sessões longas. Elas são estressantes, e no final minha capacidade de observar detalhes está diminuída – o que nos leva à quarta dica.

4. Quando realizo sessões longas (duas horas ou mais), deixo programados pequenos intervalos a cada 50 ou 60 minutos. Isso é interessante em vários aspectos. Você dá oportunidade para seu paciente e sua equipe recomporem-se, tempo para levantar e esticar, ir ao banheiro ou simplesmente “respirar”. Mais importante é que você dá tempo para você se recompor. O trabalho clínico exige alta concentração em detalhes. Em sessões longas, nossa capacidade de observação diminui gradativamente. Um pequeno intervalo (eu faço intervalos de cinco minutos) relaxa a mente e recompõe nosso senso de observação.

5. O melhor laboratório de meus preparos dentários são meus provisórios. É com eles que percebo a eficácia do que fiz, por isso, tento fazê-los o melhor possível. Não acredito na história de que elementos provisórios devem ser feios, pois isso induz a erros, principalmente na avaliação dos espaços conseguidos no preparo dentário, de acordo com a anatomia pretendida (enceramento diagnóstico). Quanto à cor, é uma grande oportunidade de avaliar as melhores nuances para o trabalho final. Fazer provisórios acurados, funcionais e estéticos é a forma mais previsível de chegar a belos resultados finais.

6. Ninguém gosta de ficar recimentando provisórios que se soltam inesperadamente entre uma sessão e outra, muito menos eu. No entanto, observar com olhos críticos e entender se o fato foi apenas fortuito ou se o preparo em questão não está com angulações erradas, sem retenção e estabilidade ou instabilidade oclusal é bastante prudente.

7. Escolher os instrumentos certos para realizar o preparo dentário fará grande diferença entre obter um preparo bem desenhado e com bom acabamento e ter um preparo irregular e com desenho duvidoso. Acho que, para alcançar um ótimo preparo dentário, não é preciso ter os instrumentais mais caros, é simplesmente necessário encontrar os instrumentais mais adequados às necessidades e técnicas. Um hábito que tenho é sempre “garimpar” pontas diamantadas de diferentes formatos. Eventualmente, algum dente pode apresentar uma configuração anatômica muito diferente ou posição mais difícil para preparação. Nesses casos, instrumentais diferentes dos habituais podem fazer a diferença.

8. Longe de mim criticar técnicas de preparo dentário, entretanto, se você ainda não decidiu por uma técnica específica, dou um conselho: evite os extremos. Tenho receio das técnicas muito elaboradas e complexas, em que se utilizam mil artifícios e instrumentos para alcançar seus objetivos, e medo das técnicas “milagrosas”, que prometem preparações fantásticas em minutos, utilizando ínfimos instrumentos (como se rapidez fosse sinônimo de eficiência em preparações). Procure as técnicas simples, que se mostram eficientes para a maioria das pessoas, modifique-as de acordo com sua habilidade, necessidades e ponto – como disse Einstein: “Faça tudo o mais simples, não o mais fácil”.

9. Uma vez escolhida(s) sua(s) técnica(s) de preparo (melhor é saber trabalhar mais de uma técnica), ritualize seu protocolo. Em outras palavras: treine. Ainda hoje, invisto um pouco de meu tempo treinando preparações. Se você pudesse ver minha gaveta de “rascunhos”, ficaria surpreso com a quantidade de preparos dentários que realizei em dentes extraídos e manequins odontológicos – é praticamente um hábito. Graças a esse treino, a maioria das pessoas me acha extremamente habilidoso, o que lamentavelmente não sou. Sempre fui um clí-

nico de habilidade mediana, e, toda vez que inicio uma atividade nova, poderia dizer que não faço nada ruim, tampouco nada excepcional. Não esquento a cabeça com isso. Tenho certeza de que, se treinar, vou fazer bem. Não é questão de talento, é questão de treino.

PS.: Caso você tenha dicas ou truques que queira compartilhar, por favor, escreva: sidneykina@gmail.com

Visite: www.sidneykina.com.br



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br